

A CONSTRUÇÃO “FAZER-COM-QUE” NAS REDAÇÕES ENEM

Júlia Maria das Dores Duarte

Universidade Federal de Minas Gerais

juliaduarte1303@gmail.com

Resumo

Este trabalho apresenta resultados de pesquisa relativos às análises da estrutura [*fazer-com-que*] nas redações modelo ENEM como relação de causa e consequência de acordo com os pressupostos da teoria construcionista (LANGACKER, 1987; GOLDBERG, 1995; CROFT, 2001; CROFT, CRUSE, 2004; CHAFE, 2005). O modelo para explicar o pareamento entre forma e função da estrutura é o da gramática de Neves (2000). Os resultados obtidos constataram que, em determinadas formas sintáticas, a estrutura [*fazer-com-que*] conserva a função prototípica do verbo *fazer*, como núcleo central da predicação; já em outras formas a estrutura recebe a função de perífrase conjuncional. Também se constatou que a construção de causa e consequência é o resultado de uma relação que pode estar no domínio de causa real, relação entre predicações que podem ser verificadas no mundo, e causa epistêmica, relação entre uma premissa e uma informação real, conforme Neves (2000). Verificou-se que, nas ocorrências em que a oração nuclear obtinha em sua composição um verbo epistêmico, o tipo de construção causal é o de domínio epistêmico.

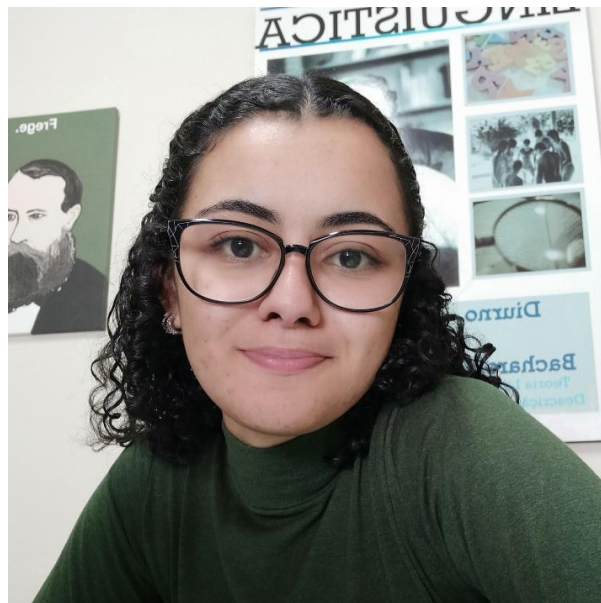
Palavras-chave: Construções; Fazer-com-que; Conjunções; Causalidade.

Dossiê “Escritas de autoria feminina do novo milênio no Brasil”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 2	1-21
----------------------------	-------------	-------	------	------

Júlia Maria das Dores Duarte

Bacharel e mestranda em Estudos Linguísticos na área da Linguística Teórica e Descritiva pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, sob orientação da Profa. Dra. Luana Lopes Amaral e sob coorientação do Prof. Dr. André Vinícius Lopes Coneglian. Compõe o grupo de pesquisadoras do Projeto VerboWeb (letras.ufmg.br/verboweb) e do projeto Brasileiras em PLN (sites.google.com/view/brasileiras-pln/). Além disso, atua como tutora do curso "Fundamentos de Sintaxe" (16h) no Projeto Apoio Pedagógico FALE/UFMG e é bolsista no Programa Professor Residente do Instituto de Estudos Avançados Transdisciplinares (IEAT/UFMG), no qual ministra a disciplina "Introdução aos Estudos da Linguagem: Língua, Texto e Discurso" (60h) aos calouros do curso de graduação em Letras/UFMG. Suas principais áreas de interesse acadêmico incluem: Gramática de Construções, Linguística Cognitiva-Funcional, Interface Sintaxe-Semântica Lexical, Tipologia Linguística, Linguística Computacional e Complementação de línguas. Atualmente, é bolsista de pesquisa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), em que desenvolve um estudo acerca dos verbos de fala do português brasileiro sob a perspectiva da Gramática de Construções Radical.



lattes.cnpq.br/5390176258549181



orcid.org/0000-0002-7422-2672

Dossiê "Escritas de autoria feminina do novo milênio no Brasil"

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 2	1-21
----------------------------	-------------	-------	------	------

A CONSTRUÇÃO “FAZER-COM-QUE” NAS REDAÇÕES ENEM

Júlia Maria das Dores Duarte

Universidade Federal de Minas Gerais

juliaduarte1303@gmail.com

Considerações iniciais

O Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) é a principal avaliação para a entrada em universidades do Brasil. Uma das partes mais relevantes do exame é a prova de redação, que exige dos candidatos um texto em tipo dissertativo-argumentativo, com argumentos coerentes sobre um determinado tema e ponto de vista. Para fazer essa redação, portanto, o uso adequado de operadores argumentativos é fundamental, visto que são palavras ou expressões que ajudam a estabelecer conexões entre as diferentes partes do texto.

Uma estratégia muito utilizada no desenvolvimento desse gênero textual é o uso da estrutura *fazer-com-que* como relação de causa e consequência. Com isso, o candidato consegue relacionar os argumentos com maior facilidade, garantindo a coerência e coesão textuais. Tais operadores funcionam como introdutórios de argumentos e conectores de orações. Sendo assim, este estudo propõe uma investigação, a partir dos pressupostos teóricos da Gramática de Construções, da estrutura *fazer-com-que* nas redações modelo ENEM.

Sintaticamente, o verbo *fazer* é classificado como transitivo ou bitransitivo, isso quer dizer que ele aceita em seu complemento um objeto, seja ele direto e/ou indireto; semanticamente, esse verbo é o núcleo do predicado e necessita de dois ou três argumentos para formar uma expressão completa. Além disso, esse verbo pode ter uma oração complementar, ou seja, a estrutura argumental do verbo *fazer* admite uma oração saturada em seu complemento.

Dossiê “Escritas de autoria feminina do novo milênio no Brasil”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 2	1-21
----------------------------	-------------	-------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about

Diferentemente da maioria das predicções que aceitam a estrutura complementar, o verbo *fazer*, nessa condição, dispõe-se da preposição *com* entre o verbo principal e a conjunção integrante. A gramática de Bechara (2009) comenta que a conjunção integrante *que* é um item auxiliar que liga a oração principal à oração subordinada substantiva - esse fato ocorre apenas nas orações de certeza.

Cunha (2021), por sua vez, comenta que o verbo *fazer* opera como um modalizador para as relações de causa e consequência. Observe (1) e (2), nos quais a estrutura aparece como um operador argumentativo:

(1) Desse modo, [a carência e a ausência de apoio, **faz com que**] [o cidadão fique desamparado diante a sociedade].

(2) [No Brasil, as vias surgiram de forma acelerada e desordenada], **fazendo com que** [a poluição visual, auditiva e ambiental se sobressaia nos grandes centros urbanos].

Tomando como ideia a noção de que causa-consequência é dada a partir da relação de dois eventos (CONEGLIAN, 2015), sendo um evento-causa e o outro o evento-consequência, em (1), a causa é dada pelo evento (*a carência e a ausência de apoio, faz com que*) e a consequência pelo evento (*o cidadão fique desamparado diante a sociedade*). Em (2), por sua vez, tem-se o evento de causa (*No Brasil, as vias surgiram de forma acelerada e desordenada*), uma estrutura de ligação (*fazendo-com-que*) e o evento de consequência (*a poluição visual, auditiva e ambiental se sobressaia nos grandes centros urbanos*). Essa relação de causa-consequência pode ser verificada nos segmentos das construções causais propostos por Neves (2000). Como será mostrado adiante, para essa autora, as construções causais podem estar no domínio do estado-de-coisas, no domínio epistêmico ou no domínio dos atos de fala.

As problemáticas desta pesquisa consistem em: o verbo *fazer* é um modalizador de relação de causa e consequência, como afirma Cunha (2021)? Qual o tipo dessas construções causais? Tomando (1) e (2) como exemplos, como a estrutura *fazer-com-que* funciona e em qual estrutura o verbo *fazer* receberá a função de verbo da oração principal ou a função de perífrase conjuncional?

Considerando as teorias de cunho construcionista, que serão apresentadas no decorrer deste trabalho, é importante levar em conta que os critérios formais, semânticos e pragmáticos da estrutura *fazer-com-que* devem ocorrer de forma conjunta. Portanto, pressupõe-se que a função do verbo *fazer* será alterada de acordo com sua forma sintática, ou seja, a partir de uma determinada função que o falante quer atribuir em sua comunicação, ele escolherá uma estrutura formal correspondente. As hipóteses formuladas são a de que, de

Dossiê “Escritas de autoria feminina do novo milênio no Brasil”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 2	1-21
----------------------------	-------------	-------	------	------

fato, o verbo *fazer* é um modalizador de causalidades e a de que em certas formas verbais receberá diferentes funcionalidades. Como em (1), no qual o verbo *fazer* possui a função de verbo principal da oração, diferentemente de (2), em que o verbo *fazer*, no gerúndio, funciona como uma perífrase conjuncional, que liga duas orações coordenadas.

Esta pesquisa se justifica, então, pela necessidade de se explorar a estrutura do *fazer-com-que* nas redações do ENEM. O objetivo principal deste trabalho é analisar a construção *fazer-com-que*, na esfera do gênero textual redação ENEM, por meio da descrição de seus usos. Os objetivos específicos são analisar e descrever as diferentes ocorrências do verbo *fazer* nas diversas composições do *corpus* de análise, ou seja, verificar em qual(is) ocorrência(s) a estrutura *fazer-com-que* funciona como uma locução conjuncional causal ou como um verbo em seu sentido pleno; localizar o tipo de construção causal que cada ocorrência admite; e contribuir para o avanço dos estudos da redação ENEM, que é o principal vestibular de acesso ao ensino superior brasileiro.

O trabalho se organiza da seguinte forma: na seção 2, faço uma breve discussão sobre a fundamentação teórica do modelo de construções (GOLDBERG, 1995; CROFT, 2001; CROFT, CRUSE, 2004; LANGACKER, 2013), sobre a noção de causa-consequência de Coneglian (2015) e finalizo com a proposta de construção causal de Neves (2000). Na seção 3, discorro sobre a metodologia utilizada neste trabalho, que consistiu na análise de um *corpus* composto por 50 ocorrências da estrutura *fazer-com-que* em redações modelo ENEM, para apresentar, na seção 4, a análise e descrição dos dados, baseada nas teorias de cunho construcionista. Por fim, na seção 5, seguem as considerações finais deste estudo.

2. Referencial Teórico

Na primeira seção, aponte o problema e mostrei como ele será abordado neste trabalho. A seguir, explicarei resumidamente a teoria de construções (GOLDBERG, 1995; CROFT, 2001; CROFT, CRUSE, 2004; CHAFE, 2005; LANGACKER, 2013); em seguida, apresentarei a relação de causa consequência de Coneglian (2015); e, finalmente, encerro com a abordagem de Neves (2000) para a ideia de construções causais.

2.1 A teoria de construções

O Modelo de Construções (*cxn*) ou Gramática de Construções (GC), teoria de perspectiva funcionalista e de raiz na Linguística Cognitiva, assume que o significado de uma palavra ou sentença vai ser determinado a partir dos componentes (morfológicos ou lexicais) que o falante selecionará em suas escolhas cognitivas para manifestar sua visão de mundo real. A construção gramatical é, portanto, o pareamento entre a forma linguística e o

Dossiê "Escritas de autoria feminina do novo milênio no Brasil"

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 2	1-21
----------------------------	-------------	-------	------	------

significado, como afirma Goldberg (1995) e todos os autores que assumem essa corrente teórica.

A GC surgiu como resposta à concepção de que as generalizações linguísticas que um falante conhece não devem ser expressas por meio de regras ou derivações sintáticas convencionais (PINHEIRO; FERRARI, 2020). Em outras palavras, a teoria de construções tem como objeto básico de estudo a construção (o todo) e não, unidades sintáticas (as partes). Croft (2001) comenta que os princípios que irão fundamentar a teoria de construções partem da ideia de que: (i) a unidade básica de operação sintática é a construção, sendo a construção definida como a unidade linguística formada por uma estrutura complexa e seu significado; (ii) e na ideia de que essas construções estão organizadas na rede conceptual do falante.

Entende-se, então, como *rede conceptual do falante*, partindo do pressuposto de Langacker (2013) que afirma que significado é conceptualização. Ou seja, o significado nasce da experiência do falante e possui uma natureza dinâmica, porque vai incluir as novas observações de mundo. A conceptualização inclui conceitos (CHAFFE, 2005) fixos e também novos conceitos configurados no uso e na composição de expressões linguísticas complexas. Não existe, portanto, uma conceptualização fixa da experiência no mundo, mas há um conjunto de conceptualizações possíveis para uma mesma experiências, as chamadas operações de construtura (*construal operations*).

As operações de construtura mencionadas (CROFT; CRUSE, 2004) representam essencialmente a maneira pela qual o falante elabora certas situações e somente podem ser compreendidas na ótica da gramática. A sensibilidade da gramática de uma língua às operações de construtura se torna evidente quando um único conceito pode ser "construído" de variadas maneiras, como é o caso da relação entre causa e consequência, um aspecto que será abordado na subseção subsequente.

De acordo com Croft e Cruse (2004), a conceituação da experiência expressa na gramática é pertinente à comunicação, porém não necessariamente aplicável a outras atividades cognitivas. Em outras palavras, o significado da experiência do falante, manifestado na gramática, desempenha um papel relevante na comunicação (relações pragmáticas). Esses autores sustentam que sempre que pronunciamos uma sentença, organizamos de maneira inconsciente todos os aspectos da experiência que pretendemos transmitir.

Por conseguinte, as seleções gramaticais feitas pelos falantes revelam como eles elaboram a experiência e viabilizam comunicações frequentes. A gramática se configura, assim, como uma ferramenta simbólica para a construção de significado ao expressar a vivência por meio da fala, a exemplo da conexão entre causa e consequência que será explorada na subseção seguinte.

Dossiê "Escritas de autoria feminina do novo milênio no Brasil"

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 2	1-21
----------------------------	-------------	-------	------	------

2.2 A noção de causa-consequência

Continuando o raciocínio da subseção anterior, a título de exemplo, observa-se o fenômeno da relação de causa e consequência. Sobre isso, Coneglian (2015) expõe que não é surpreendente que as línguas ofereçam aos seus falantes ferramentas linguísticas que permitem expressar essa noção fundamental da experiência humana. Dois exemplos dessas ferramentas são as estruturas causativas, como ilustrado em "O menino quebrou o vaso", e as estruturas adverbiais causais, exemplificadas por "O gelo derreteu devido a ter sido deixado fora do congelador". Nestes tipos de estruturas, ocorre a conexão entre dois eventos: um atuando como causa e o outro como consequência. Por outro lado, nas construções mencionadas anteriormente, o próprio evento é dotado de um caráter causativo (CONEGLIAN, 2015).

A relação de causa-consequência é, para esse autor, uma configuração entre o modo da relação causal, no qual se tem uma cena em que o falante descreve eventos relacionados entre si por um elo de causatividade. Essa ligação configura a relação "*p causa q*", dentro do plano lógico-semântico da construção. A seguir, apresentarei a proposta de Neves (2000) para as construções causais, que irá fundamentar as análises desta pesquisa.

2.3 As construções causais

Neves (2000), analisando usos do conector *porque*, mostra que a relação de causalidade pode se manifestar em três domínios distintos: o domínio de causa real, o domínio de causa epistêmica e o domínio de causa de ato de fala.

(i) Domínio de causa real: envolve a relação entre predicções (estados de coisas) e pode ser implicada pela ordem temporal na qual o efeito acontece após a causa, como é ilustrado no caso (a), que é um exemplo retirado da gramática de Neves (2000). A autora utiliza o item lexical *porque*, como conjunção causal para demonstrar o raciocínio:

(a) Tratava-me como criança. Uma vez [me passou um pito] [**PORQUE** joguei fora o remédio]. Outra vez [se zangou] [**PORQUE** me encontrou fora da cama].

Núcleo 1 (efeito 1):	[me passou um pito]
Causal 1 (causa real 1):	[PORQUE joguei fora o remédio]
Núcleo 2 (efeito 2):	[se zangou]
Causal 2 (causa real 2):	[PORQUE me encontrou fora da cama]

Além disso, segundo Neves (2000), a relação de causa real não necessariamente envolve tempo e pode ser dada através de estado-de-coisas não-dinâmicas.

Dossiê "Escritas de autoria feminina do novo milênio no Brasil"

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 2	1-21
----------------------------	-------------	-------	------	------

(ii) Domínio epistêmico: diz respeito às relações que são feitas a partir do julgamento ou crença de um falante. Esse tipo de construção causal não se dá apenas na relação entre predicacões (estado de coisas), como visto acima, mas entre proposições (fatos possíveis), e passa, portanto, pela avaliação do falante. O exemplo (b), também retirado do texto de Neves (2000), mostra um exemplo de construção causal no domínio epistêmico:

(b) [*A opção de usar frango para alimentação de peixes pode não ser boa*], [**PORQUE** há excesso de proteína na carne da ave].

Núcleo (efeito):	[<i>A opção de usar frango para alimentação de peixes pode não ser boa</i>]
Causal (causa epistêmica):	[PORQUE há excesso de proteína na carne da ave]

Observa-se que na sentença denominada núcleo (efeito) tem-se a presença do verbo *poder* que, na literatura, é considerado um verbo que denota uma modalidade epistêmica. Ou seja, em alguns casos, não todos, *a opção de usar frango para alimentação de peixes pode não ser boa por haver um excesso de proteína na carne da ave*. Portanto, um teste para saber se uma oração causal está no domínio epistêmico é verificar se há a existência de um verbo do tipo modal-epistêmico em sua composição.

(iii) Domínio dos atos de fala: é a relação que ocorre entre um ato de fala e a expressão que motivou esse fato. Neste caso, a oração principal (núcleo) pode ocorrer um ato de fala declarativo, um ato de fala interrogativo ou um ato de fala injuntivo (deôntico ou imperativo). Os exemplos (c), (d) e (e), retirados da gramática de Neves (2000), mostram construções causais no domínio dos atos de fala, respectivamente:

(c) [*Vou tirar umas férias*], [**PORQUE** estou cansadíssimo].

Núcleo (ato de fala declarativo):	[<i>Vou tirar umas férias</i>]
Causal:	[PORQUE estou cansadíssimo]

(d) [*Muito conveniente, não é?*] [**PORQUE** aí saiu todo mundo, você ficou lá, sozinho com o retratista...]

Núcleo (ato de fala interrogativo):	[<i>Muito conveniente, não é?</i>]
Causal:	[PORQUE aí saiu todo mundo, você ficou lá, sozinho com o retratista...]

Dossiê “Escritas de autoria feminina do novo milênio no Brasil”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 2	1-21
----------------------------	-------------	-------	------	------

(e) [*Vamos ser sinceras*], [**PORQUE**, só assim poderemos chegar ao fim dos nossos sofrimentos.]

Núcleo (ato de fala injuntivo):	[<i>Vamos ser sinceras</i>]
Causal:	[PORQUE , só assim poderemos chegar ao fim dos nossos sofrimentos.]

Na gramática de Neves (2000), a autora comenta que as orações causais podem ser verificadas através de testes sintáticos, como é o caso do teste de extraposição por clivagem. Irei focar apenas nesse teste porque é através dele que os resultados deste trabalho serão analisados. No entanto, também é possível verificar a existência de uma oração causal com o teste de extraposição por correlação, conforme Neves (2000).

Segundo Kenedy e Othero (2018), o teste da clivagem, metodologia muito utilizada na linguística para determinar a existência ou não de um constituinte sintático, consiste em deslocar uma parte da oração, um constituinte, que se deseja testá-lo e introduzi-lo entre a forma conjugada pelo verbo *ser* e o complementador *que*. Abaixo o esquema de um teste clivado: [forma do verbo *ser*] + [constituinte clivado] + [partícula *que*].

Neves (2000), ao mencionar a ordem das construções causais, diz que quando o emissor coloca um *porque* no começo da sentença o faz para focalizar a causalidade. O exemplo (f), ilustra como uma relação de causalidade pode ser aceita e testada pelo teste de clivagem. Porém, o exemplo (g) mostra uma sentença que não condiz com uma condição de causalidade e, por isso, forma uma sentença agramatical quando testada por clivagem.

(f) A menina chorou porque quebrou o carro.

Teste de clivagem: FOI PORQUE quebrou o carro **que** a menina chorou.

(g) O menino quebrou o vaso.

Teste de clivagem: *FOI PORQUE quebrou o vaso **que** o menino.

O exemplo (f) mostra que o teste de clivagem consegue focalizar a causalidade e é um dos mecanismos usado por Neves (2000) para exemplificar quando o emissor quer enfatizar a causa: bastando apenas, movê-la para o início da sentença. Portanto, em (f), tem-se a causa (*quebrou o carro*) e a consequência (*A menina chorou*). O exemplo (g), por sua vez, não

Dossiê "Escritas de autoria feminina do novo milênio no Brasil"

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 2	1-21
----------------------------	-------------	-------	------	------

se trata de uma sentença que possui a relação de causa e consequência, dessa maneira o teste de clivagem apresenta uma sentença agramatical.

Para esta pesquisa, a teoria de Neves (2000) será utilizada para analisar e descrever o comportamento da estrutura *fazer-com-que* na visão construcionista, par entre forma e função. A seguir, tem-se a seção 3, na qual serão esclarecidos os métodos utilizados nesta pesquisa a partir das referências bibliográficas aqui mencionadas.

3. Metodologia

A coleta dos dados para este trabalho foi feita com base no levantamento preliminar do trabalho de mestrado de Cunha (2021), que fez uma análise semântico-pragmática dos complementos oracionais das redações modelo ENEM. Foram selecionadas 42 ocorrências da estrutura *fazer-com-que* no corpus e outras 8 foram retiradas na plataforma de correção online *Imagine*. As ocorrências estão no *corpus* deste trabalho.

Na elaboração do *corpus* deste trabalho, foi necessário fazer uma consideração: a metodologia utilizada por Cunha (2021) foi utilizar apenas redações com notas superiores a 640 pontos, visto que, abaixo disso é provável que as estruturas dificultassem a análise da autora. No entanto, percebeu-se que, mesmo em redações com notas acima de 640, foram encontradas algumas sentenças com desvio da norma padrão do português brasileiro. Muitas ocorrências de *fazer-com-que* não apresentaram uma boa estrutura sintática, apesar de serem possíveis de análise satisfatória.

Porém, a ocorrência (03) não apresenta a conjugação apropriada do objeto de estudo deste trabalho, isto é, a estrutura *faz-com-que*. Neste caso, a análise foi processada a partir da sua conjugação adequada, ou seja, na forma *fazem-com-que* – uma concordância verbal.

(03) [A má infraestrutura de uma polis e o tráfico de drogas] faz-com-que fazem-com-que [alguns indivíduos lance mão da violência].

A partir dessas considerações, o primeiro passo deste trabalho foi dividir as ocorrências de acordo com a forma nominal do verbo *fazer* e organizar, em tabelas, as propriedades sintáticas. Essa divisão proporcionou pequenos grupos que possuíam estrutura sintática semelhante. Com essa classificação em mãos, o segundo passo foi dividir os verbos de acordo com suas propriedades semântico-pragmáticas. Foram analisados os tipos de construção causal presentes em cada ocorrência e foram feitos testes de nível clivado, para determinar o tipo de construção em cada caso.

Dossiê “Escritas de autoria feminina do novo milênio no Brasil”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 2	1-21
----------------------------	-------------	-------	------	------

Verificou-se em qual(is) caso(s) o verbo *fazer* é aproveitado na construção como uma conjunção causal ou em seu sentido ‘puro’, de verbo da oração principal. O teste de clivagem também foi utilizado para verificar se a estrutura representava uma relação de causa-consequência, conforme Neves (2000). Por fim, foi feita a análise dos dados obtidos conforme as noções da Gramática de Construções, com a finalidade de alcançar os objetivos gerais e específicos deste presente trabalho. A partir dessa metodologia, foi feita a análise dos dados da construção *fazer-com-que* nas redações do nosso *corpus*, conforme detalhado na seção seguinte.

4. A construção *fazer-com-que*

Conforme revisado na seção 2, a Gramática de Construções é caracterizada pelo pareamento entre forma e função. Ou seja, tem-se: o plano da forma, em que são atribuídas as estruturas morfossintática e fonológica; e o plano da função, que é dividido entre o conteúdo semântico (componente semântico) e o empacotamento da informação (componente pragmático). Cada um desses planos diz respeito a um conteúdo da gramática. Além disso, foi discutido que a gramática, na língua em uso, vai construir significados e permitir a construção de enunciados os quais serão verbalizados através da experiência. Nesta seção, apresentarei a descrição e a análise da estrutura *fazer-com-que*, conforme essas noções da Gramática de Construções.

Foram encontradas no *corpus* estruturas de duas formas. Observa-se (4) e (5) e duas demonstrações sintáticas a seguir:

(4) Mormente, a situação política do Brasil é muito precária. [O desvio da verba **faz com que**] [muitas escolas não consigam preparar uma merenda digna ou até mesmo não possuam alimentos para a refeição das crianças].

[SN] – [V] – [Prep] – [CP]

(5) [Sob essa ótica, infelizmente, não se pode dizer que o Brasil dê essa devida atenção, uma vez que apesar da existência de leis que garantam os direitos dos idosos, muitas vezes estas não são cumpridas,] **fazendo com que** [essa camada populacional viva às margens da sociedade. Essa constatação exige uma reflexão sobre os principais aspectos que causam esse verdadeiro descaso social com a faixa etária que mais cresce no país].

[S] - [V-gerúndio] - [Prep] - [S]

Dossiê “Escritas de autoria feminina do novo milênio no Brasil”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 2	1-21
----------------------------	-------------	-------	------	------

O exemplo (4) mostra que, nessa estrutura sintática, a preposição *com* está entre o verbo principal e a oração complementar – que é introduzida pela conjunção integrante *que*. É importante notar que, apesar da inclusão da preposição, o verbo *fazer* desempenha a sua função absoluta de predicado nuclear, isto é, verbo da oração principal - para Neves (2000), a predicação nuclear é composta pelo predicado e os argumentos.

Todavia, ao considerar o verbo *fazer* na forma nominal de gerúndio, sua estrutura sintática é alterada, como acontece no exemplo (5), em que o verbo *fazer* não pode ser assumido como verbo principal da oração. Longe disso, esse verbo se aproxima de uma conjunção ou uma categoria adverbial. Portanto, é possível verificar que a estrutura *fazer-com-que*, na condição de gerúndio (*fazendo-com-que*), exerce papel de locução conjuntiva causal entre orações, ou seja, ele é a ligação de dois eventos independentes, duas orações coordenadas.

Também é necessário considerar outro tipo de ocorrência presente no corpus. Observe o exemplo (06):

(6) Desse modo, [ao não se inserir transportes coletivos sustentáveis de uma maneira globalizada no meio urbano do país], ocasiona, além da soberania do uso de transportes poluentes e causadores do efeito estufa, como o carro, [também] **faz com que** [se a população se torne cada vez mais dependente de um transporte público de má qualidade].

[S] – [adv] – [V] – [Prep] - [S]

No caso de (6), a estrutura é antecedida pelo advérbio *também* - que funciona como uma conjunção coordenada aditiva. Ademais, o *faz-com-que* em (4) tem a mesma função de locução conjuntiva causal, como visto acima, em (5). Portanto, nota-se que a construção *fazer-com-que* dos exemplos (4), (5) e (6) podem possuir a propriedade de causa-consequência, visto que, em todos os casos, ela é apresentada como uma ligação entre dois eventos.

Como esperado, foram encontradas no *corpus* construções de duas formas: a primeira compreende as estruturas do tipo *fazer-com-que* e suas variações; e a segunda, por sua vez, trata-se da estrutura *fazer-com-que* na forma de gerúndio. A relação da forma da estrutura corresponde a: 48% na forma *faz-com-que*; 32% na forma *fazendo-com-que*; 10% na forma *faz-com-que*; 8% na forma *fazem-com-que*; e, por fim, 2% na forma *fazer-com-que*. Visto isso, a análise prosseguiu e obteve-se a Tabela 1, a seguir:

Dossiê “Escritas de autoria feminina do novo milênio no Brasil”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 2	1-21
----------------------------	-------------	-------	------	------

[SN] faz com que [OC]	10 (20%)
[S] [pronome] faz com que [S]	3 (6%)
[S] [advérbio <i>também</i>] faz com que [S]	1 (2%)
[S] [conjunção] faz com que [S]	8 (16%)
[SN] [pronome] <u>que</u> faz com que [OC]	1 (2%)
[SN] fez com que [OC]	5 (10%)
[Verbo auxiliar modal <i>cabere</i>] [SN] <i>fazer com que</i> [OC]	1 (2%)
[S] [conjunção <i>que</i>] fazem com que [S]	2 (4%)
[SN] <i>fazem com que</i> [S]	2 (4%)
[S] fazendo com que [S]	13 (26%)
[S] [conjunção <i>por conseguinte</i>] [pronome] <i>fazendo com que</i> [S]	1 (2%)
[S] <i>fazendo</i> [conjunção conclusiva <i>assim</i>] <i>com que</i> [S]	1 (2%)
[SN][verbo auxiliar <i>ser</i>] fazendo com que [S]	1 (2%)

Tabela 1: análise da forma da estrutura *fazer-com-que*.

A Tabela 1 proporcionou um mapeamento das estruturas sintáticas presentes no *corpus*. É possível verificar que a estrutura *fazer-com-que* pode ser antecedida por: um sintagma nominal; um sintagma nominal mais um item lexical; ou até mesmo uma oração completa, saturada. Também se observou, segundo a Tabela 1, que o item sintático posterior à estrutura pode ser uma oração complementar [OC] ou uma oração independente [S], saturada.

Além do comportamento formal, também foi observado o comportamento funcional da estrutura – conforme a teoria construcionista demonstrada na seção 2. Foram encontradas no *corpus* construções de duas funções: uma em que o verbo *fazer* recebe seus argumentos de maneira plena, verbo da oração principal; e outra quando ele age na sentença como a conjunção de duas orações. Os exemplos (7) e (8) ilustram essa ideia:

(7) Nesse sentido, [a abundância de comida **faz com que**] [a noção de desperdício seja esquecida.]

(8) Todavia, boa parte dessa parcela não quer adolescentes e/ou crianças que tenham irmãos (muito velhos). [Isso acaba aumentando ainda mais a lista de espera,] **fazendo com que** [esses jovens adquiram doenças do tipo depressão, ansiedade e sentimento de serem rejeitos pela segunda vez.]

Observou-se que, em (7), o verbo *fazer* é o núcleo da oração e recebe uma oração complementar como argumento. Em outras palavras, ao considerarmos a ideia de que a construção causal é uma ligação de eventos, em (7), o evento-causa (a *abundância de comida*)

Dossiê “Escritas de autoria feminina do novo milênio no Brasil”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 2	1-21
----------------------------	-------------	-------	------	------

acarretou (*faz com que*) o evento-consequência (*a noção de desperdício seja esquecida*). Essa relação só foi possível porque o verbo *fazer* é o elemento central da frase e sua funcionalidade, nessa construção, é a de ser o verbo da oração principal e modalizador de causa e consequência. Portanto, o verbo atinge seu sentido pleno e a oração pode ser classificada como uma oração subordinada adverbial.

Em (8), porém, a estrutura *fazendo-com-que* funciona como uma conjunção causal entre orações coordenadas – que, na literatura, são as orações independentes e ligadas por uma conjunção. Isto é, a relação de causa-consequência se manifesta a partir da união de dois eventos independentes, de duas orações coordenada. No caso de estruturas como em (8), o teste de clivagem tem um bom resultado, pois, ao substituir o *porque* dos exemplos de Neves (2000), pela estrutura *fazer-com-que*, tem-se um bom resultado, como mostro abaixo.

Teste de clivagem de (8) - FOI PORQUE [esses jovens adquiriram doenças do tipo depressão, ansiedade e sentimento de serem rejeitos pela segunda vez] **QUE** [acabou aumentando ainda mais a lista de espera].

Constatou-se que, em todos os casos, como em (7), em que o teste de clivagem resulta em uma sentença agramatical, a função de *fazer-com-que* é a de verbo da oração principal. Isso ocorreu porque a estrutura estudada está dentro da oração principal, ou seja, ela faz parte do evento de causalidade e não é apenas um item para fazer a junção de dois eventos como em (8). O teste de clivagem evidencia que, em sentenças como em (7), há a ligação de um evento, em que o verbo *fazer* é o item central, com uma oração complementar.

Teste de clivagem de (8) - *FOI PORQUE [a noção de desperdício foi esquecida] **QUE** [a abundância de comida]

À vista disso, o teste de clivagem, enquanto mecanismos que o enunciador utiliza quando quer enfatizar a causa, movendo-a, portanto, para o começo da sentença, possibilitou reconhecer em quais ocorrências o verbo *fazer* recebia a função de verbo da oração principal e oração complementar (orações dependentes que não aceitam o teste) e quando o verbo *fazer* recebe a função de conjunção de oração (orações independentes que aceitam o teste).

Das 50 ocorrências analisadas, verificou-se que em, 16 ocorrências o verbo *fazer* da construção assume o papel de verbo da oração principal, como em (10). Todas essas ocorrências recebem um sintagma nominal [SN] na posição de sujeito da oração. Portanto, é possível afirmar que, nos casos em que a estrutura *fazer-com-que* assume, na posição de sujeito, um sintagma nominal tal estrutura receberá a função de verbo da oração principal, ou predicador nuclear. Essa forma sintática não passa no teste de clivagem. Logo, o verbo *fazer*

Dossiê “Escritas de autoria feminina do novo milênio no Brasil”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 2	1-21
----------------------------	-------------	-------	------	------

receberá o valor de predicador nuclear quando estiver inserido na estrutura sintática: [[SN] *fazer-com-que* [OC]], ou seja, nesse caso o *fazer-com-que* não é uma perífrase verbal, mas uma instância da construção de complemento oracional

Todavia, percebeu-se que existem ocorrências em que a presença de um componente morfológico antecessor à estrutura possibilita a alternância sintática de toda a sentença, além de modificar a função de *fazer-com-que* na construção. A exemplo, temos: a ocorrência (9), em que a estrutura é antecedida por uma conjunção; a ocorrência (10), na qual a estrutura é antecedida por um pronome. Em todos esses casos, a função de *fazer-com-que* é a de locução conjuntiva, ou seja, uma construção específica, com forma e função próprias, já que o valor conjuntivo (função) não pode ser derivado das palavras.

(9) Outro fator importante é que, o Covid-19 (coronavírus) possui a capacidade de se disseminar facilmente, sendo a Organização Panamericana de Saúde (OPAS), quatro continentes foram contaminados em apenas um mês. Sob esse viés, aliado ao fato da falta de conhecimento científico sobre o vírus, [a situação se torna ainda mais alarmante] e **faz com que** [a população não tome as devidas precauções para diminuir o contágio.] (redação 164)

(10) O Brasil de hoje é conhecido por altos índices de homicídios, latrocínios, roubos e furtos. A sensação de insegurança só aumenta. [Isso] **faz com que** [a população queira praticar sua própria justiça]

Pode-se afirmar que, esse acréscimo de item(s) lexical(s) à frente da estrutura *faz-com-que* é encontrado em todas as variações de *fazer-com-que*. Por consequência, não é possível determinar uma “fórmula sintática” para indicar a ideia mencionada.

Outrossim, outras duas ocorrências merecem ser destacadas: (11) e (12). A estrutura sintática dessas estruturas são:

(11) [Verbo *caber*] [SN] *fazer com que* [OC]

(12) [SN] [verbo *ser*] *fazendo com que* [S]

Nesses dois casos, a estrutura *fazer-com-que* não é termo principal da oração nem locução conjuntiva. A estrutura *fazer-com-que* de (11) e (12) funcionam como um dos argumentos do verbo antecessor *caber* e *ser*, respectivamente. Ou seja, a função da estrutura *fazer-com-que* nesses casos é o de complemento do verbo. Em (12), é possível dizer que existe uma perífrase verbal.

Dossiê “Escritas de autoria feminina do novo milênio no Brasil”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 2	1-21
----------------------------	-------------	-------	------	------

4.1 O tipo da construção causal

O exemplo (13) do *corpus* deste trabalho é um exemplo da forma *fazendo-com-que* como um tipo de conjunção causal inserido no domínio de causa real, conforme mencionado por Neves (2000), que defende que esse domínio se refere à interligação entre predicções (estados de coisas) e que é muitas vezes inferida pela sequência temporal na qual o efeito manifesta-se após a causa. Segue o exemplo (13):

(13) Nesse sentido, [o surgimento dos aparelhos eletrônicos cresce cada vez mais por conta da demanda presente devido a busca incessante por algo novo,] **fazendo com que** [o acúmulo de materiais descartados fora do tempo previsto pelas empresas fabricantes supere o número de espaços para o tratamento adequado desses produtos.]

Núcleo (efeito):	[o surgimento dos aparelhos eletrônicos cresce cada vez mais por conta da demanda presente devido a busca incessante por algo novo,]
Causal (causa real):	fazendo com que [o acúmulo de materiais descartados fora do tempo previsto pelas empresas fabricantes supere o número de espaços para o tratamento adequado desses produtos.]

Detalhando a estrutura (13), temos o núcleo do efeito: [a expansão constante dos dispositivos eletrônicos é impulsionada pela atual demanda, que surge devido à busca incansável por novidades,] e o elo causal real: o que resulta em [um acúmulo excedente de materiais descartados, extrapolando o espaço disponível para o devido tratamento, uma vez que esses produtos são descartados fora do prazo estabelecido pelas empresas fabricantes].

Assim, torna-se evidente que a construção "fazendo-com-que" no exemplar (13) pode ser substituída pela conjunção causal "porque", igualmente ao exemplo de Neves (2000), sem que haja alteração no valor semântico de causa e consequência da sentença, visto que a estrutura analisada pode ser substituída por qualquer conjunção com valor causal. Convém frisar, que, nesse domínio, Neves (2000) faz uma inversão da ordem mais prototípica de causa e consequência. Isto é, no domínio da causa, a autora apresenta primeiro a consequência e depois a causa.

Usando a estrutura *fazer-com-que* como exemplo, temos a ocorrência (14) que, na primeira oração tem-se a presença do verbo de domínio epistêmico *tendem*, que funciona como um modalizador epistêmico e, assim, trata-se de uma oração causal do domínio epistêmico.

Dossiê "Escritas de autoria feminina do novo milênio no Brasil"

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 2	1-21
----------------------------	-------------	-------	------	------

(14) [Como o uso inadequado de remédios e dietas pouco saudáveis, na maioria das vezes procedimentos desse tipo tendem a falhar,] **fazendo com que** [a pessoa odeie seu corpo e se sinta culpada por falhar em algo que às vezes não esta sob seu controle] (redação 187)

Quanto à análise acerca do domínio de construção causal, de acordo com Neves (2000), observou-se que a maioria das ocorrências, 41 delas, descrevem estados de coisas ou domínio de construção causal de mundo real. Isso é comprovado ao passo que, dentro de um esquema lógico-semântico da construção, há uma ligação de causalidade que configura a relação “*p causa q*”, sendo que as premissas são verdadeiras e o falante pode comprová-las. Portanto, pode-se afirmar que a relação básica expressada pelas construções causais é a de causa-efeito, ou de causa-consequência – muito presente no gênero textual redação ENEM. O caso (15) é um exemplo de construção causal no domínio de causa real:

(15) [Hoje em dia, temos a internet], que **faz com que** [as pessoas tenham acesso à informação de forma instantânea e aprofundada, porém a maioria delas não querem um aprofundamento].

A ocorrência (15) expõe uma causa de mundo real. Para Neves (2000), como visto, esse domínio pode ser visto em construções cuja causa remete a um estado-de-coisas. A causa deve ser entendida como algo real, que está acontecendo no mundo ou que é de conhecimento certificado pelo falante. Em (15) a causa se dá pela estrutura (*hoje em dia, temos a internet*), algo que pode ser verificável no mundo.

O restante das ocorrências, cerca de 18%, referem-se à construção causal no domínio epistêmico. Embora não seja possível verificar uma forma sintática específica para essa afirmação, é possível afirmar que em todas as ocorrências que apresentavam um verbo de modalidade epistêmica na posição de oração nuclear, o tipo de construção causal está no domínio epistêmico. A seguir, tem-se (16):

(16) Para isso, [o Ministério da Saúde em parceria com o Ministério da Educação e as mídias televisivas, **deve** garantir a ampla difusão da conscientização sobre os problemas que o descuido sexual pode trazer e os corretos meios de prevenção, incluindo a educação sexual na grade escolar – para uma instrução detalhada –, e utilizando telenovelas para mostrar a dificuldade passada por uma adolescente gestante,] **fazendo com que** [as jovens tenham noção da importância de suas decisões].

Dossiê “Escritas de autoria feminina do novo milênio no Brasil”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 2	1-21
----------------------------	-------------	-------	------	------

O exemplo (16), é uma boa justificativa, porque o verbo *dever*, presente na oração nuclear, funciona como modalizador epistêmico. Segundo Cunha (2021), a modalidade epistêmica “é aquela que se refere a qualquer enunciado no qual o falante qualifica explicitamente seu comprometimento com a verdade da proposição enunciada”. Consequentemente, a construção causal no domínio epistêmico é entendida como uma conclusão inferida a partir de uma premissa feita através de um verbo epistêmico.

Dessa forma, pode-se concluir que as construções causais, a partir de Neves (2000), que apresentavam uma sentença causal que podem ser verificadas no mundo real, foram consideradas como domínio de causa real; e aquelas que apresentavam um verbo do tipo epistêmico em sua composição, fazem parte das construções causais de domínio epistêmico. Neste trabalho não houve casos de construções causais no domínio dos atos de fala.

Conclusão

À luz desta pesquisa realizada acerca da construção *fazer-com-que*, especificamente em redações do ENEM, os resultados obtidos comprovaram que esta construção funciona como relação de causa-consequência.

Notou-se que, quando a estrutura *fazer-com-que* possuir, na posição de sujeito, um sintagma nominal o verbo *fazer* conservará a função de núcleo da oração principal seguido de uma oração complementar. No entanto, nos casos em que a estrutura é antecedida por um item morfológico conjuncional, ou item lexical aproximado, não é possível considerar o verbo como o núcleo principal da oração, mas, sim, como uma conjunção de orações coordenadas. Verificou-se também que, na forma do gerúndio, em todos os casos, a estrutura recebeu a função de locução conjuncional causal.

Ademais, constatou-se que todas as ocorrências da estrutura *fazer-com-que* possuem a propriedade de causa-efeito e, na maioria dos casos ela é a ligação entre dois eventos. Essa relação foi verificada ao passo que todas fazem parte do tipo de construção causal que está no domínio do estado-de-coisas, ou domínio de mundo real proposto por Neves (2000). Entretanto, quando a oração nuclear possui um verbo epistêmico, a construção recebe a modalização de causa epistêmica e, portanto, a construção causal é do tipo epistêmico.

A partir dessas análises de cunho construcionista, nas quais se frisou as especificações sintático-semântico-pragmático, é pertinente dizer que a construção *fazer-com-*

Dossiê “Escritas de autoria feminina do novo milênio no Brasil”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 2	1-21
----------------------------	-------------	-------	------	------

que é muito produtiva nas redações ENEM, contribuindo, assim, para o melhor entendimento desse gênero, que é tão importante na vida dos estudantes brasileiros.

Referências

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

CHAFE, W. *The relation of grammar to thought*. In: BUTLER, C. et al. (eds.) *The dynamics of language use*. Amsterdam: John Benjamins, 2005, p. 57-78.

CONEGLIAN, A. V. L. As construções adverbiais causais no português brasileiro: uma amostra de análise do domínio dos atos de fala. *Cadernos de Pós-graduação em Letras*, v. 1, p. 136-155, 2015.

CROFT, William. *Radical Construction Grammar*. Oxford: Oxford University Press. 2001.

CROFT, William; CRUSE, Alan. *Cognitive Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

CUNHA, Gabriella Pedrosa Santos. *Complementos oracionais na redação do Enem: uma análise semântico-pragmática*. 2021. 286 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021.

GOLDBERG, Adele E. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. University of Chicago Press, 1995.

KENEDY, Eduardo; OTHERO, Gabriel Ávila de. *Para conhecer: Sintaxe*. São Paulo: Contexto, 2018.

LANGACKER, Ronald W. *Essentials of cognitive grammar*. United States of America/New York: Oxford University Press, 2013.

NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: UNESP, 2000.

PINHEIRO, Diogo; FERRARI, Lilian. Linguística funcional, linguística cognitiva e gramática de construções: mapeando o campo das abordagens cognitivo-funcionais. *Revista Linguística*, vol. 16, nº Esp., novembro de 2020, p. 595-621

Recebido em: 17/6/2023

Aceito em: 16/8/2023

Publicado em: 30/3/2024

Dossiê "Escritas de autoria feminina do novo milênio no Brasil"

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 2	1-21
----------------------------	-------------	-------	------	------

THE “FAZER-COM-QUE” STRUCTURE IN ENEM ESSAYS

Júlia Maria das Dores Duarte

Universidade Federal de Minas Gerais

juliaduarte1303@gmail.com

ABSTRACT

This paper presents research findings concerning the analyses of the structure [*fazer-com-que*] in the ENEM model essays as a cause and consequence relationship, according to the assumptions of the constructionist theory (LANGACKER, 1987; GOLDBERG, 1995; CROFT, 2001; CROFT, CRUSE, 2004; CHAFE, 2005). The model to explain the pairing between form and function of the structure comes from Neves' (2000) grammar. The results obtained have shown that, in certain syntactic forms, the structure [*fazer-com-que*] preserves the prototypical function of the verb *fazer*, as the central nucleus of the predication; whereas in other forms, the structure receives the function of conjunctive periphrasis. It was also verified that the construction of cause and consequence is the result of a relation that may be in the domain of real cause, a relation between predications that can be verified in the world, and epistemic cause, a relation between a premise and real information, according to Neves (2000). It was verified that, in occurrences in which the nuclear clause had an epistemic verb in its composition, the type of causal construction is the epistemic domain.

Keywords: Constructions; Fazer-com-que; Conjunctions; Causality.

Dossiê “Escritas de autoria feminina do novo milênio no Brasil”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 2	1-21
----------------------------	-------------	-------	------	------

LA CONSTRUCCIÓN “FAZER-COM-QUE” EN LOS ENSAYOS DEL ENEM

Júlia Maria das Dores Duarte

Universidade Federal de Minas Gerais

juliaduarte1303@gmail.com

RESUMEN

Este artículo presenta los hallazgos de investigación sobre el análisis de la estructura [fazer-com-que] en los ensayos modelo del ENEM como una relación de causa y consecuencia, de acuerdo con los supuestos de la teoría constructivista (LANGACKER, 1987; GOLDBERG, 1995; CROFT, 2001; CROFT, CRUSE, 2004; CHAFE, 2005). El modelo para explicar la relación entre la forma y la función de la estructura proviene de la gramática de Neves (2000). Los resultados obtenidos han demostrado que, en ciertas formas sintácticas, la estructura [fazer-com-que] conserva la función prototípica del verbo hacer, como núcleo central de la predicación; mientras que en otras formas, la estructura recibe la función de perífrasis conjuntiva. También se verificó que la construcción de causa y consecuencia es el resultado de una relación que puede estar en el dominio de la causa real, una relación entre predicaciones que se pueden verificar en el mundo, y la causa epistémica, una relación entre una premisa e información real, según Neves (2000). Se verificó que, en las ocurrencias en las que la cláusula nuclear tenía un verbo epistémico en su composición, el tipo de construcción causal es el dominio epistémico.

Palabras-clave: Construcciones; Fazer-com-que; Conjunciones; Causalidad

Dossiê “Escritas de autoria feminina do novo milênio no Brasil”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 2	1-21
----------------------------	-------------	-------	------	------